

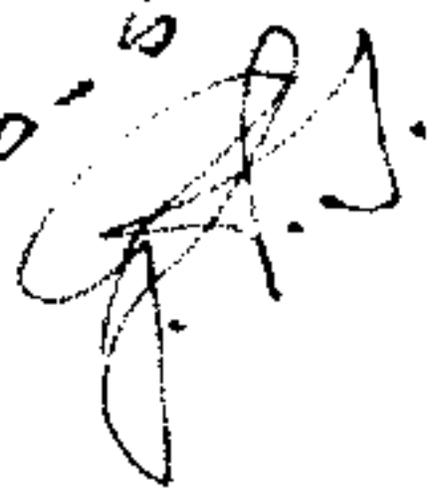
UM RESTO DE RAZÃO



Autor: Gonçalo Ferreira da Silva

As
caro
Sebastião Nunes
Batista, cordialmente

o autor
20-5-67

A handwritten signature in black ink, appearing to be 'A. J.', written in a cursive style.

GONÇALO FERREIRA DA SILVA

UM RESTO DE RAZÃO

(CONTO NORDESTINO)

Aos que me amam, meu abraço fraternal;

Aos que me odeiam, meu perdão consolador.

CAPÍTULO I

Pequena, preguiçosa, resignada e completamente despida de vaidade, assim é Guarabira, cidade divorciada do progresso e sem qualquer resquício de bom gosto. Vista de perto, lembra Augusto dos Anjos, embora não seja tão tétrica quanto este.

Igualmente castigado pelo destino fôra Renato, que nascera sete quilômetros distante da sede daquele município. Ali, vivia Renato com sua família, sofrendo na própria carne a pobreza de sua desventurada região.

Celina, sua esposa, quando conversavam, sempre dizia:

— Velho: a sorte é cega. Embora tenha muito espaço para esbaldar, um dia nos tocará na certa.

Já Renato, pensava diferente: achava ser inteiramente impossível a sorte visitar sua casa, pois nem de longe haveria motivos para tal.

— Sorte é para quem a tem — dizia — tenho seu antônimo e com êle haverei de morrer.

A situação que atravessava aquela família era estambada em diálogos como êste:

— Mamãe; a comida está pronta?

— Que comida, meu filho!... Não sei a que horas quebraremos o jejum!...

— Estou faminto!... Não aguento mais!...

— Deixa vê se teu pai traz alguma coisa, e acaba com esta peitica.

Jece, mesmo sabendo que seu pai não chegaria tão cedo, olhou sem compromisso pela janelã e passou alguns instantes meditando a escutar o sussurro da ventania que batia no oitão de sua casa, ameaçadoramente. Quis voltar-se para sua mãe, mas titubeou e resolveu desfazer-se de mais uma olhadela para a estrada de barro vermelho. Depois, voltou-se prosternado para sua mãe, igualmente acabrunhada.

Por volta das duas da tarde chegou Renato com seu cão de caça e um socó que tivera a infelicidade de se enlilhar nas melosas, do que se aproveitou Renato para matá-lo a pau.

— Como conseguiste esta ave? — perguntou Celina jubilosa.

— Grandes são os poderes de Deus!... O que comeríamos hoje!

— Na verdade desde muito cedo que Jece me atormentava por comida.

— Tê-la-emos, enfim, mas...

— ... Ah!; a farinha, não é o que querias dizer.

— Depena-o; a farinha aparecerá, se Deus quiser.

O pequeno Jece sofreu as amarguras da espera. Para quem não suportava mais a negra fome, resignara-se a quase eterna demora, pois Renato não encontrou outra saída, senão a de vender uma banda do socó em trôco de farinha.

— Este ano, difficilmente, ficaremos em Guarabira — dizia insistentemente Renato a Celina — haveremos de arrumar as tipóias muito cedo e tentar a vida muito longe daqui.

Renato, cético e maledicente, era o oposto de sua espôsa, que, arrancando o último vocábulo do peito, encarava tudo confiante.

Quanto a Jece, ainda não despontava com qualidades definidas, pois sua idade era muito tenra para tal.

* * *

Jamais se vira um cão tão honesto quanto o de Renato, que mesmo sofrendo impiedosíssima fome, não fôra capaz de apanhar os miúdos do socó que ficaram à sua disposição. Renato lhe depositava integral confiança.

Sem dúvida, Danúbio concatenava as idéias melhor do que muitos racionais, e era a salvação daquela família, vendo-se sem recurso algum, o único meio prudente que havia era apelar para a perícia e honestidade de Danúbio que se seu dono fôsse caçar, muito bem; do contrário, ia mesmo sozinho e trazia as caças sem lhe tirar sequer a cabeça. Com efeito, era o que encontrava: tejo, camaleão, preá rabudo... em suma, não deixava passar nada. Se conseguisse botar um tatu no buraco, vinha imediatamente avisar Renato, que aos primeiros ganidos, compreendia de que se tratava. Nunca foi cachorro de mentir para ilu-

dir ao dono; para as caças, no entanto, applicava incenccebíveis artificios para capturá-las.

Renato, embora dissesse a Deus e ao mundo que nasceu com uma péssima estrêla, jamais foi caçar para voltar com as mãos abanando.

Foram tantas as vêzes que ameaçou abandonar aquella terra inóspita que suas palavras já não mais mereciam o crédito de Celina.

Jece já beirava os dez anos e não havia, para felicidade do casal, qualquer vestígio de aparecer mais uma criança para lhe fazer companhia, por sorte ou por deficiência orgânica do casal.

— Graças a Deus, — dizia Renato — que paramos neste, pois do contrário...

Jece, não mais esperava pelo pai: pegava um cavador e uma atiradeira, chamava Danúbio e ingressava nas matas em caçadas arrojadas. Em meio à montanha, pensava sozinho:

“— Quando eu ficar um pouco mais taludo, mudarei de vez, aquella situação lá de casa. Não é possível vivermos eternamente assim.”

Tanto Renato quanto Celina, ficavam espantados com as atitudes de Jece que empreendia caçadas tão arrojadas que, contando, cheirava a mentira. Chegava sempre com o patuá cheio de rôlas, bentevis e preás.

Renato não dava o braço a torcer ao serviço pesado; o que lhe doía, era a incerteza: trabalhar com afinco por sob as unhas de gato e espinhos de arapicara e depois a chuva não comparecer.

E foi justamente o que aconteceu: dois de fevereiro amanheceu chuviscando; à tarde o céu cinzento completou o agouro.

Assim, viveu aquêlê povo como Deus criou a batata ou em piores condições, pois nesta é nula a sensibilidade espiritual, e neste, tudo dói: antes a morte a ver um filho faminto sem haver para quem apelar.

Veza por outra, Renato encontrava um filho de Deus que lhe pagava um dia de serviço, com cujo dinheiro estava assegurada a farinha, quando já não era diretamente a trôco desta, e o resto ficava por conta de Jece e Danúbio, êste já começando a fraquejar.

Renato, embora fôsse um homem trabalhador, não tinha iniciativa; havendo servi-

ço, fazia, do contrário, não sabia procurá-lo; era o tipo do indivíduo bitolado.

Estavam, certo dia, pelando um mocó que Danúbio trouxera dum serrote quando traçaram vários planos.

— Se passar aqui um cangaceiro e quiser que eu vá em sua companhia, não hesitarei um segundo; irei com muita satisfação — disse Renato ao mesmo tempo que chutava uma marimba, indignado — aqui é que não podemos ficar.

— Se amanhã o senhor amanhecer tão inspirado para falar tolices quanto hoje, terei de me refugiar muito cedo — disse Jace encarando sèriamente ao pai.

Renato quis reagir mas foi prontamente contido por Celina :

— Faltou com a educação mas não faltou com a verdade. Estou pronta para ratificar suas palavras.

A autoridade de Renato estava ficando raquítica e os anos continuavam, insistentemente, dando maturidade a Jace.

— Se Deus foi quem me fêz deve estar decepcionado — bradou Renato quebrando, furiosamente, a cuscuzeira.

Jece ouvia o diálogo de sua mãe austera com seu pai revoltado. Era tal o seu desampontamento, que lhe dava vontade de esconder a cara dentro do pilão. Por fim, foi tomado por uma ira tão indisfarçável que convidou Danúbio para se afastar daquele misto de maledicência e revolta.

Como a sombra dum ipê não lhe agradasse, resolveu, tirar trapiás e estudar um meio de convencer seu pai de que estava perdendo seu tempo com conversa gratuita. Daí a instantes, voltou apostando corrida com o já cansado Danúbio e pronto para acabar com aquela minchorna.

— Papai; sejamos resolvidos: vamos queimar aquelas coivaras e preparar o terreno para quando a chuva chegar não haver mais preocupações.

Jece tinha um plano: estar oitocenta o ano todo, vender escondido de seus pais, comprar um revólver e, com êste pedir emprêgo na fazenda do coronel Bezerra de Cauã.

Êsse coronel, apesar de bruto e presunçoso, em sua fazenda oferecia possibilidade de progresso a quem a ela acorresse, desde que se sujeitasse às suas condições.

Jece, começou a trabalhar silenciosamente na elaboração dêsse plano que o colocaria, mais cedo ou mais tarde frente a frente com o famigerado coronel.

Os pais de Jece ficaram apreensivos com o fato de que seu filho passava sempre o dia fora de casa e voltava com as mãos abanando. Já pensavam que Jece estivesse agindo secretamente, com sua extraordinária perspicácia.

E suspeitaram, acertadamente, pois Jece gastava horas e horas catando oiticica e da mata ia direto vendê-la na budegá.

Em pouco tempo, Jece já contava com dinheiro que dava para comprar até dois revólveres. Fê-lo imediatamente às escondidas.

Contemporâneo de figuras célebres da literatura brasileira, Jece, desde criança empreendia um esforço inaudito para comprar as principais obras dos escritores de sua época. Atingiu um padrão linguístico superior a sua idade e sua Região inóspita. Todos o chamavam de pedante com certo resquício de inveja. Além do habitual linguajar próprio dos nordestinos, Jece era realmente extravagante, sobretudo porque improvisava como poucos, encontrando, prontamente, resposta para as mais inconcebíveis perguntas.

Os livros e Danúbio, constituíam o seu único divertimento e tirar seus pais da pobreza a sua única preocupação.

Um belo dia, Jeca já de posse do revólver que havia comprado, conversava alegremente com Renato e Celina. Em dado momento, assim se expressou :

— Papai; irei pedir emprêgo na fazenda do coronel Bezerra.

— Está com vontade de morrer mais cedo, não é? Mas como já suprimiu minha autoridade nesta casa, pode fazer o que quiser.

— Não estou falando em morte. Se, com minha presença, a espôsa do coronel tiver de procurar outro marido, preveni-la-ei da necessidade de comprar pano preto. Mas, se me dispensarem um bom tratamento, terão um bom amigo na minha pessoa.

— Olá!... Quem vem chegando...! Gritou Renato estupefato — Valadares... Há quanto tempo!... Como vai esta vida velha?...

— Muito mau... já estou cansado de presenciar tanta malvadeza daquele amaldiçoado coronel.

Jece ergueu, rapidamente, a cabeça, vivamente interessado no que Valadares acabava de dizer.

Valadares era velho morador da fazenda do coronel Bezerra, afeito a toda espécie de humilhações, acostumado a acovardar-se às ordens daquele impiedoso carniceiro.

— Conte-nos algumas das façanhas do coronel — pediu Jece — tenciono pedir-lhe emprêgo e assim já vou preparado com a tampa que dará, exatamente, em sua panela.

— Ora, rapaz; você não dará para um chá — respondeu grave e téticamente Valadares — aquêle homem é centenas de vêzes para lá de infernal.

Renato e Celina estavam com os olhos cravados em Valadares, temendo pela sorte de Jece que acreditava, piamente, na exeqüibilidade do seu plano, pois sabia pensar antes de pô-lo em prática.

O tronco considerado indelével do coronel Bezerra de Cauã, perigava seriamente, mas êste nem sonhava que naquelas redondezas,

pucesse haver um homem, cujos punhos chegassem a ameaçar sua irreductível vaidade.

— Fechem os corpos e trinquem os dentes — preveniu Valadares — que contarei algumas boas do coronel.

— Há coisa de um mês, havia uma potra na fazenda, que não queria amansar de forma alguma; não havia quem lhe pusesse o cabresto; o coronel mandou chamar, sem resultado, vários domadores das mais longinquas plagas; nada feito. Encolerizado, o coronel esperou que o pobre animal passasse na porteira e, do alto do poste, pespejou uma lata de querosene, banhando-a completamente, ao mesmo tempo que lhe atirava um fósforo aceso no lombo. Pois bem, a pobre infeliz, correu, escuramuçou, até que caiu desfalecida, em chamas.

— Santo Deus!... — exclamaram unisonamente — barbaridade!...

— E isto ainda não é nada — continuou Valadares — encontram-se nos arredores da fazenda, cadáveres de homens que êle manda matar e jogar no mato brutalmente, como se faz com cachorro. De cem em cem metros encontram-se duas, três caveiras. As almas tomam destino ignorado; os corpos ficam por conta dos urubus.

Esubalham os olhos, substituindo as interjeições que não encontraram.

Ao contrário de desistir do plano, Jece ficava cada vez mais entusiasmado para conhecer aquela fera carniceira, não só para ratificar a narrativa de Valadares, mas, principalmente, para mostrar que não tinha qualquer compromisso com o medo :

— Você vai tomar café conosco e comer jaca, mas vai também nos contar mais histórias desse endiabrado coronel — falou Jece tentando coçar as costas onde os dedos não alcançavam.

— Parece até que vocês nunca ouviram falar do coronel Bezerra — disse Valadares tentando economizar tempo, pois percebeu um cheiro de comida que invadia a sala.

— O que você não sabe passará a saber quando se encontrar na fazenda. Se houver tempo, porque o coronel poderá fulminá-lo antes que se inteire de tudo.

Jece, rapaz jovem, conversava com Valadares como se esse estivesse com a sua idade :

— Como é que você, um homem velho, não tem personalidade. Os homens são iguais, no entanto, você não fala que eu posso fulmi-

nar o coronel e sim que êle possa me fulminar. As vêzes duas boas vergôntes de mufumbo resolvem o caso dum homem assim.

— Não sei. O que sei é que êle tem morto gente a lôrto e a direito. Noutra ocasião chegou lá um homem pedindo emprêgo, no que foi atendido prontamente. A hora do almoço, deram-lhe leite numa gamela. Depois da refeição, o pobre infeliz cochichou no ouvido dum dos cabras dizendo que se houvesse mais, comeria; êste comunicou imediatamente ao coronel que mandou que um criado lhe servisse leite até dizer chega. Pois bem: serviram uma, duas, três gamelas. Quando já estava saindo leite pela bôca do pobre infeliz, o coronel lhe encostou um punhal no peito, dizendo: "Você jamais chegará a casa de quem quer que seja achando a comida pouca". Deu-lhe uma senhora surra que o pobre ficou inutilizado para sempre.

— Vamos almoçar — disse Jece colocando uma esteira no chão — depois você continuará. Acho que eu já devia estar com êsse coronel.

— Agora é que vou botar a água de tirar, meu filho — falou Celina.

— Aqui é assim: quando já é hora de jantar é que a mulher aparece com o almoço.

— Isto não é para visita tomar conhecimento — repreendeu Jece enèrgicamente ao pai.

No almôço, Valadares applicou o velho hábito de sua casa : enquanto comia, jogava os ossos, que o velho Danúbio, muito hâbilmente, pegava antes que tocassem ao chão.

(— Ir-me-ei na primeira oportunidade, depois do almôço — pensou Valadares).

Não deu outra coisa : depois de morta a fome, conversa vai, conversa vem, até que na primeira pausa, pediu licença e saiu.

Valadares saiu tropegante sem acertar o roteiro, sendo constantemente surpreendido pelas picadas violentas das mutucas ao mesmo tempo que pensava sòzinho :

— Aquêlê menino, se levar avante a idéia de ir à fazenda do coronel, está com os dias contados.

Enquanto isto, Jece pensava o opôsto :

— O coronel, ou dá-me boa acolhida, ou... Não sei não... Só tenho uma vida e perdendo-a em defesa duma coletividade, cumpro um papel justo e humano.

Os pais de Jece não contavam com mais reservas de argumentos para detê-lo; o jeito que havia era dar-lhe autorização.

CAPÍTULO II

Jece preparou-se com revólver e munição. Salu brincando com os animais que pastavam à beira da estrada sem dar confiança à sua arrojadíssima missão.

Ao chegar a Belém, ínfimo povoado paraibano, comprou uma corda, com a qual fez um belo cabresto para apanhar o primeiro cavalo que encontrasse entre Belém e a famosa fazenda do coronel Bezerra.

Ao transpor a serra do Moura ouviu distante, relinços de cavalos desocupados que seus donos dispensaram por falta de tarefas.

Jece aproximou-se e escolheu um fogoso potro escuro, jogou-lhe o cabresto e seguiu viagem mais à vontade sem temer que lhe aparecesse o dono. Contemplando os bonitos sertões paraibanos, sem qualquer preocupação, seguia Jeca, até que encontrou um mouro que lhe propôs trocar os animais. Jeca apro-

veitou o momento, não para entrar em negociações, propriamente, mas com o fito de apanhar informações acêrca da estrada que o conduzisse à fazenda do coronel.

— Bom dia, senhor — cumprimentou Jece ao desconhecido.

— Boa tarde — respondeu o homem trajado de vaqueiro — passa de meio-dia com enorme diferença — pode apear... sou inofensivo...

Jece saltou do cavalo, porém a falta de precaução fê-lo deixar cair o revólver.

— Não ando com intuito de fazer mal a ninguém. Dê-me a arma com suas próprias mãos — pediu Jece ao vaqueiro.

Trocaram rápidas palavras quando Jece mostrou ter punhos rijos e pouca experiência de enfrentar o grande mestre — o mundo.

— Este animal já está ferrado? — perguntou o homem prevenindo Jece do perigo de andar com animais sem identificação.

— Quero, apenas, que me informe a estrada que pode me conduzir à fazenda do coronel Bezerra de Cauã. Sobre animal ferrado, isto é outra coisa, não estou procurando saber disto.

— Vai a fazenda do coronel Bezerra? Está frito.

— Também não perguntei por isto.

— Bem; a estrada é aquela que circunda aquêle morro.

— Pois é isto o que eu quero saber.

— Você precisa ganhar duas coisas: experiência e educação.

— Não abuse da bondade de meus punhos. Tenho-os reservados para as grandes necessidades e não quero exercitá-los hoje.

— Vai falar assim ao coronel?

— Se necessário, sim.

— Não tomarei mais seu tempo... nem seu revólver; tome-o.

— Obrigado — respondeu Jece apanhando o revólver no ar.

— Boa sorte.

Esse vaqueiro era, nada mais nada menos, que um dos cabras do coronel Bezerra. Pegou um atalho e seguiu para contar ao patrão que, dentro de poucas horas, a fazenda teria

a honra de receber a visita dum jovem cavaleiro audaz, disposto a modificar os métodos de trabalho, praticados pelo coronel.

Jece seguia contente, sem saber que lhe estavam preparando um texto que deveria adaptar-se à sua panela.

O cavalo de Jece estava, exactamente, ferado com as iniciais J. B. do coronel José Bezerra.

(Se aquêlé menino bancar valentia, o diabo vai sair da garrafa) — pensava o cabra.

Ao longo da viagem, atravessando várias noruegas das margens dos açudes construídos pelos donos de fazendas longínquas as ínguas começaram a atormentá-lo, obrigando-o a appear para fazer um rápido tratamento nos pés. Aproveitando, fartou-se com a grande abundância de água dos córregos que deslissavam, silenciosamente.

Hesitou várias vèzes, até que acabou aceitando o convite que os córregos lhe fizeram para tomar um banho. Como o cavalo sentisse ser preterido do convite, Jece applicou-lhe, também, um belo e reconfortador banho, amarrando-o, em seguida, a um galho estendido de oiticica, que se achava próximo.

Inesperadamente, appareceu-lhe uma jovem que lutava desesperadamente para se cobrir com uma toalha que lhe negava pano.

— Oh ! — gritou escondendo-se nos murchambês — há quanto tempo meu pai procurava este potro !

Era Julieta, filha do coronel Bezerra.

Com aquelas palavras e aquela jovem, Jece sentiu um impulso indescritível : o oposto de medo, por exemplo. A vontade de abraçá-la quis tomar as rédeas de sua personalidade austera.

Realmente, as palavras eram de causar um temor sem limite e a jovem era de causar um desejo inexprimível. Jece dispensou ambos os sentimentos e resolveu falar, francamente, com Julieta.

— Onde moram seus pais ? — perguntou Jece pondo a esteira no cavallo.

— Nesta direção — disse a moça apontando com a mão occupada por uma roupa íntima.

Jece temperou a garganta e continuou :

— Sou inofensivo... De qualquer modo, vou virar as costas para a senhorita se vestir.

— Se meu pai souber que o senhor me viu tomando banho, vai pagar o milho que a cabra comeu.

— Quem é seu pai? Perguntou com a sela no braço.

— O coronel Bezerra, famoso no mal sentido da palavra. Se o senhor subir neste pé de João-Mole e espiar em direção daqueles ingazeiros avistará nossa casa.

Jece, obedientemente subiu no pé de João-Mole e Julieta, pegando uma foice que estava encostada ao pé da árvore, desferiu seguro golpe, derrubando-a com Jece e Tudo.

Julieta disparou uma gargalhada masculina tumultuando o sagrado éter para todos os lados e Jece levantou-se sacudindo a poeira e os ombros sem proferir palavra e sem procurar entender a atitude da moça.

O cavalo quis espantar-se, mas Jece comunicou-lhe com um aceno, que se tratava apenas duma brincadeira.

Irei, agora mesmo à casa de seu pai e você, querendo, pode ir na garupa.

— Perfeito.

Isto já se pode considerar uma grande empresa: ir à casa dum indivíduo valente levando além do seu cavalo, sua própria filha na garupa.

CAPÍTULO III

Mas, vamos fazer uma breve visita a Guarábira, e falar um pouco da vida de Renato e Celina.

— Um menino daquêle, nôvo e sem experiência alguma, se largar no mundo, lamentava Renato com visível preocupação.

— Gostava muito de mim e de café — lembrou Celina — No ôco mundo não há quem o atenda em nada.

Foi por livre vontade, conselhos não lhe faltaram. Jece foi muito influenciado com a leitura de folhetos onde um rapaz sòzinho destrói um batalhão e sai vitorioso. Na vida real é bem diferente.

— Homem, vamos deixar de latúncias

Jece sabia não serem verídicas as histórias de folhetos; foi influenciado pela situação desesperadora que atravessamos.

A razão estava com Celina. Jece não pensava em fazer destruições. Fêz-se destemido no princípio da jornada com o fito de preparar o espírito às vicissitudes que, fatalmente, encontraria.

Com licença, Senhor Renato e Dona Celina, dexem-me ver como vai Jece com Julieta na garupa.

.....

Jece saiu; aliás não saiu, ou melhor saiu; porém depois, desapeou para colocar a sela mais na frente, deixando a garupa mais amplamente confortável para Julieta.

Saiu pensando... Não sei, em suma, no que êle pensava. Dir-se-ia que pensava no perigo que havia de enfrentar ao chegar a casa do coronel.

A distância que separava o córrego, que Julieta tomara banho, de sua casa, fêz Jece achar Julieta extremamente audaciosa.

As fôlhas de bananeiras, à medida que o cavalo cominhava, roçavam carinhosamente o rosto de Jece, lhe dando uma agradável sensação interna. A moça não lhe provocava desejos porque o seu estado de espírito não permitia. As delicadas e maliciosas mãos de

Julietta lhe tocavam o tronco quando o cavalo torcia ligeiramente o corpo ante a presença de calangos. Julietta não aproveitava a agradável sensação que provocava ao encostar as mãos nas costelas de Jece. Gostaria de fazê-lo calmamente. Bela, solteira e privada dos assédios masculinos, Julietta sentia uma frieza lhe subir dos pés ao coração quando tocava nalguma parte do corpo de Jece. Com a sensibilidade causada pelo calor do corpo do rapaz, somada a simpatia que, pessoalmente, Jece lhe despertou, Julietta cochichou:

— Olhe; lá em casa armaram uma bela arapuca para você. Um cabra da fazenda o viu com este cavalo dizendo que ia falar com papai e tramaram tudo: me mandaram tomar banho no córrego que você fatalmente haveria de atravessar, para ver sua atitude e o cabra ficou à distancia observando. Ele já entrou num atalho para chegar novamente na frente, mas, não se incomode que tratarei de lhe defender.

— Disse que tenho revólver?

— Disse.

O cavalo suspendeu uma orelha e Jece chicoteou-o para apressá-lo, pensando:

(— Como foi que este cavalo se debandou para tão distante da fazenda... No meio de tantos, como achei de pegar exatamente este ?)

Jece ouviu de muito distante, o sussurro dos moradores em frente ao alpendre da casa de coronel. Embora lhe crispasse a fronte, açoitou, destemidamente, o cavalo. Daí a instantes riscou em frente ao oitão da casa, procurando identificar o coronel, que sem maiores dificuldades, se apresentou.

Jece forjara na imaginação uma figura oposta à apresentada pelo coronel em pessoa. Até que se agradou com seus traços fisionômicos, achando que aquilo não era característica de homem valente: ao contrário, guardava certa semelhança do seu velho avô.

A figura do homem que se encontrou com Jece ao longo da viagem entre Guacabira e Cauã foi logo identificada.

O coronel deu as boas vindas a Jece, procurando dar mais atenção ao potro do que propriamente a este.

Jece, que utilizara o cavalo para a áspera jornada, não teve nada a perder. Não teve a intenção de ladrão e nem foi considerado

como tal; e ainda recebeu parabéns por haver trazido um animal há muito desaparecido.

— Quanto pede pelo trabalho de haver trazido o animal? — perguntou o coronel apalpando-lhe o focinho.

— Depois trataremos disto — respondeu Jecé, dirigindo-se ao alpendre.

— Anda armado?

— Sim, ando.

— Tem boa pontaria?

— Regular. Tenho tido pouca oportunidade de treinar.

Os homens que povoavam a frente do alpendre, vendo que não seriam utilizados, foram, pouco a pouco, debandando. Daí a pouco, Jecé se via sozinho experimentando as saudades de sua casa ao ouvir o borburinho dos perus, patos e galinhas atendendo ao instinto natural de cada espécie.

Os caminhos tortos e íngremes, a feição de cobras na terra quente eram cruzados por inocentes ovelhas que buscavam a frescura das florestas circunjacentes.

As filhas do coronel, inclusive a isca, não compareciam ao alpendre e Jece procurava conversar consigo mesmo, incentivando-se para o momento em que o coronel se manifestasse.

Momentos depois, chegou um homem que fumava um enorme cigarro de palha.

Seus olhos atendiam ao mínimo movimento. Sua boca, com feição ligeiramente cadavérica, era desproporcional ao resto do corpo; sem indícios de defeito físico.

O coronel dirigiu-se, inesperadamente, a Jece.

— Vamos conversar... tudo para economizar palavra e tempo.

— Procuro emprêgo.

— Tê lo-á na certa. Quanto a continuidade depende de você. Só tenho serviço para vaqueiro. E esta arma ?

— Para as necessidades.

— Experimentaremos um alvo. Vou colocar uma laranja na ponta daquela estaca e vamos ver quem a alvejará antes.

O homem do cigarro de palha olhou, imperceptivelmente para o coronel; Jece fêz o

mesmo para a janella, onde as filhas do coronel acorreram e o coronel voltou os olhos para o alvo. Os rápidos movimentos não occuparam mais que o ínfimo tempo de meio segundo.

— Não pense em exercitar o indicador por qualquer tolice com esta arma, rapaz. Deverá fazê-lo, apenas, para obter respeito — falou enèrgicamente o coronel, num misto de advertência e sarcasmo.

Júlio continuava com o longo cigarro de palha prêso aos dentes. Era seu companheiro inseparável: ria, falava e até assobiava com elle, mediante um movimento nos lábios. Para beber, punha-o na orelha, porém, não raro, a lembrança chegava tardia e a água ficava imprestável pela cinza.

O coronel era o primeiro a achar que estava com muita delonga com Jece. Achou estranho, para aquella região, seu nome e sua aparente coragem, mas não se mostrou amedrontado e nem exigiu isto do rapaz. Não falou da filha que fôra servir de isca para a infelicidade de Jece; achando estranho, apenas, que com tanto tempo decorrido, não se queixasse de nenhuma necessidade física.

— Há facilidade de água por aqui ?

— Para beber?

— Claro... Seria demais pedi-la para tomar banho.

— Traga água para o môço!... — gritou o coronel.

Nita lhe trouxe uma bandeija com um minúsculo copo.

— Parece que água aqui é comprada — falou Jece olhando a moça da cabeça aos pés.

— Traga água em abundância — pediu o coronel.

Dai a instantes chegava Célia com 10 copos.

— Você, agora, beberá esta água tôda — falou o coronel.

— Beberéi só o necessário — retrucou Jece.

— Não; você agora vai beber, cabra. E espero que tire bons resultados práticos desta preleção.

— Suas filhas são tão lindas que senti uma frieza na espinha — respondeu Jece fixando os olhos em Célia, pouco abaixo do ventre.

As faces do coronel ficaram rubras. Teve vontade de reagir. Não o fêz, estava sem cobertura. Dir-se-ia que achou muito arriscado o teste.

— Já bebi o suficiente — falou Jece a Célia — pode guardar os copos.

“Não posso fazer êste menino falar com Cain agora. É valoroso... Devo dominar minha vaidade... Será muito útil nesta fazenda... Saberei o momento propício de fulminá-lo”. — Vários absurdos cruzaram a cabeça do coronel. Seus cabelos aurifulgentes cobriram-lhe os olhos, com a nervosa arrancada do chapéu. Seus olhos ameaçadores denotavam a cólera de que ficou possuído.

— Vamos ver quem atingirá o alvo — bradou tentando dominar a voz.

— Pode atirar antes — falou Jece, brandamente.

O tiro da pistola do coronel raspou a laranja arrancando um pedaço da estaca.

— Agora atiro eu.

Jece deu um pulo desconcertante e apertou o gatilho.

Seu tiro arrancou o cigarro de palha da boca de Júlio e espatifou a laranja.

— Atira admiravelmente!... — reconheceu o coronel.

Enquanto os tiros ecoavam nos serrotes vizinhos, o silêncio tomou conta do ambiente, suavemente interrompido, apenas, pela respiração das jovens filhas do coronel, que de dentes trincados, se respiravam, o faziam imperceptivelmente.

Enquanto isto, Jece lutava, desesperadamente, no sentido de frear uma gargalhada que parecia iminente. — “Se tiver que abrir a boca agora, não o evito” — pensava Jece.

— Você está empregado. Me serve. Começou a ganhar a contar do dia em que pensou em vir para a minha fazenda. Ponha a mente para funcionar para que eu saiba lhe pagar. Amanhã, quando o sol se levantar, iremos juntos empreender uma bela caçada numa montanha arondosa, nos limites do Rio Grande do Norte — falou o coronel, jogando ágilmente a pistola para o alto, que fazia piuetas no ar e retornava às suas mãos.

CAPÍTULO IV

Jece aproveitou o tempo que o coronel lhe concedeu para conhecer, mais minuciosamente, a fazenda. Os moradores, já inteirados da chegada do rapaz, olhavam-no com admiração. Jece resolveu visitar a única budegá que havia. Estava completamente ocupada por vaqueiros estranhos e moradores da própria fazenda que vendiam mamona, algodão, oiticica... e outros, que disputavam as mais diferentes modalidades de jogos. Ao entrar pediu um trago de birita, no que foi atendido prontamente.

— Daqui há pouco estará gostando duma das filhas do coronel — disse um vaqueiro referindo-se a Jece.

— Não creio — respondeu um outro — não meterá suas mãos no fogo.

— Dizem que é valente — continuou o primeiro.

— Isto não passa de uma hipótese completamente despida de lógica — respondeu o segundo — parece que está morto de fome.

Este diálogo foi travado em alta voz e mesclado de gargalhadas espalhafatosas. Jece ouviu tudo mas esperava que lhe dirigissem a palavra.

— Ele não é de nada. Quer que o insulte?

— Faça apenas uma experiência cautelosa.

— Raçaz! Você aí! Gostaria de encontrar com quem treinar no sôco?

— Está falando comigo? — Perguntou Jece suspendendo a aba do chapéu.

— Claro... Tive notícias de sua valentia; para mim você não passa de um covarde... E não se faça de surdo... Lhe chamei de covarde.

— Afaste-se, rapaz. Não entre na zona de eficácia dos meus punhos. É perigoso.

Foi o suficiente para que o vaqueiro lhe desferisse violento supapo, de que Jece se desviou por milagre. Travaram, ali, uma luta encarniçada. Em dado momento Jece mandou uma de canhota, mas o vaqueiro se defendeu

agilmente. A mão do rapaz passou disparada e espatifou uma janela. Quando os presentes viram o vaqueiro flagrantemente inferiorizado, intervieram e, a muito custo, conseguiram acalmar os ânimos.

O vaqueiro ficou completamente ensanguentado e foi conduzido à casa do coronel.

— É o resultado de brincadeira precipitada — falou Jece. — Espero que o convençam de que não se pode brincar com um homem do meu calibre.

Bezerra, ao receber a notícia, disse :

— Devia apanhar muito mais para não se meter com o que não é de sua conta. Já disse que eu mesmo cuidarei deste menino.

— Não procurei encrencas — falou Jece. — Não vim aqui procurar dificuldades. Ele me insultou.

— É; mas não quero mais que você ande a vagar pela fazenda. Sua presença desperta ódio entre os moradores e eu não permito que você vá à casa de...

— Complete — pediu Jece.

— Ia falar uma tolice.

O coronel não queria que êle fôsse à casa de Floriano. Mas Jece, como que intuitivamente, fugiu à vigilância de todos e foi ter à sua residência.

— Onde está aquêle cabrinha? — perguntou o coronel.

— Foi ao... Não posso dizer...

— Por que?

— Foi ao mato:

— Fazer o que?

— Ora... ora... foi...

— Entendi.

CAPÍTULO V

— Ó de casa!... Ó de casa!...

— Ó de fora!... Quem será?!...

— Deve ser algum vaqueiro do coronel.

— Mas... Meu Deus...

— Boa noite! — cumprimentou Jece. O senhor é Floriano?

— Sim, sou. Por que?

— Gostaria que perdesse alguns minutos comigo.

— Cleusa! Faça um cafèzinho para o môço.

— Sim, senhor.

Voltou Floriano:

— De que se trata?

— Sou o nôvo vaqueiro do coronel e algo me disse ao ouvido que êle não quer que eu venha à sua casa.

Floriano temperou e retemperou a garganta, e por fim, falou :

— É meu filho... o meu caso com êste coronel vai dar...

— O café, papai — interrompeu Cleusa.

Jece ergueu a cabeça e a mão, apanhando um vaso com café.

— Desculpe-me ter de lhe servir neste quimbungo de barro... papai não pode nem comprar xícaras.

Jece ficou agradavelmente surpreendido com a humildade e naturalidade daquela jovem, alida à beleza e comportamento exemplares.

Continuou Floriano :

— ... um longo romance. Para principio de conversa... pelo amor de Deus não conte nada ao coronel... esta fazenda foi minha. Bezerra era cangaceiro e, ao invadir com seus capangas, as fronteiras de minhas terras, armaram um barracão, encostaram as armas no meu peito e me tomaram a documen-

tação. Vendo que morreria fatalmente, não encontrei outra alternativa, senão fazer sua vontade. De lá para cá, já me ameaçaram inúmeras vezes, de modo que, se eu cair na tolice de falar isto a alguém, serei irremediavelmente fulminado. — O rosto do ancião transfigurava e Jece já não se sentia com a mesma tranquilidade de princípio, embora o ouvisse atentamente.

— Sei que não conseguirei dormir um pingo hoje, não que não tenha confiança integral em você, mas porque neste mundo até as paredes falam. De qualquer modo, foi um desabafo daquilo que, há muito, me torturava.

— Resolverei seu caso. Darei uma lição que esse desavergonhado lembrará enquanto viver. Não deixarei impune uma monstruosidade dessa, pode ficar tranquilo.

Cleusa aplaudiu as palavras de Jece.

Floriano a imitou.

Conversaram longamente, e Jece pediu a Floriano que se mantivesse com o máximo de tranquilidade possível.

— Encontrar-nos-emos amanhã, no começo da várzea combinado?

— Combinado. E já me vou. Amanhã, antes que o sol se levante, terei de empreender uma caçada com o coronel e preciso de um pouco de repouso. Até amanhã.

— Até amanhã, se Deus quiser.

Saiu. O vento parecia querer deter sua marcha impetuosa; as longas abas do chapéu desciam e subiam à feição dum galope suave.

Floriano e Cleusa acorreram à janela e se detiveram a olhar a luta titânica de Jece com o vento que arrebatava seu chapéu, obrigando-o a voltar várias vèzes para reconquistá-lo.

O vento parou, repentinamente, e as florestas alegres adquiriram um aspecto de solidão profunda. Jece desapareceu nos mufumbais e das vistas de Floriano e Cleusa, até que parou em frente ao alpendre do coronel.

— Que andava fazendo? — perguntou êste.

— Fervilhando. As florestas me convidaram e aceitei o seu convite, pois gosto muito delas. Aprecio a carícia das fôlhas e o perfume das flôres.

— Meu chicote também aprendeu a fazer carícias desde que aqui apareceram tipos como você.

— Deve fazê-lo esquecer este hábito.

-- Recolha-se, rapaz, deixe de lorotas. Acordaremos muito cedo.

— Dormirei no estábulo.

— Problema seu. Até já.

— Até — respondeu Jece esfregando a boca com as costas da mão.

Os pássaros ainda dormiam profundamente; a natureza ainda estava completamente morta, imersa na escuridão; as aves domésticas ainda nem davam sinal de vida. O coronel despertara e, explosivamente, acordou a Jece com catucadas irritantes. Num frêmito de pavor, mesclado de ira, Jece gritou, erguendo a cabeça e logo após o corpo.

— Levante-se rapaz. A hora é esta.

Jece ergueu-se, rapidamente e acompanhou o coronel até o alpendre. Este, ao entrar na sala, acendeu uma lamparina cuja claridade espantou a escuridão ali reinante

Saíram. A brisa suave tocava o peito de Jece, não deixando de fazer o mesmo no de Bezerra; os calçados grosseiros, de ambos, faziam ranger as pedras resignadas atrapalhando a vida do silêncio pacato.

Os primeiros sinais da manhã começavam a aparecer tranquilamente e, igualmente, os dois solitários entravam montanha a dentro. Enfim, o sol surgiu, sem novidades, mostrando a mesma cara de costume.

O sol já havia andado a metade da curvatura do céu e Jece ainda não sabia, afinal, o que iam caçar. Quando transpuseram uma enorme várzea, viram, repentinamente sair do tronco de uma moita de mufumbo, uma cascavel assanhada, momento em que Jece foi exigido a fundo.

— Pegue esta serpente! — ordenou Bezerra.

— Não senhor — respondeu Jece. — Uma cobra destas não se pega com duas risadas.

— Pegue-a, cabra! Nunca mandei fazer uma coisa que não fôsse feita.

— Olhe, coronel; se meus punhos forem exigidos não assumirei qualquer responsabilidade pelo que acontecer.

— Pegue-a sem delongas, não gosto de lorotas nem as admito.

Jece se mantinha incompreensivelmente calmo e isto causava certa preocupação a Bezerra. A serpente, encaracolada do meio para a cauda aguardava, apenas, o momento propício para jogar o bote. O coronel estava em situação desprivilegiada por ter de atentar para a cobra e para qualquer passo em falso de Jecé, porque seu temperamento de covarde o levava a crer que todos haviam de ter suas qualidades negativas. Jecé, no entanto, atentava muito mais para a serpente do que para o coronel. Era um momento difícil e de desfecho absolutamente imprevisível. Jecé se dispusera a pegar a serpente pelo gogó, mas aguardava um momento de descuido por parte dela, principalmente porque elaborara dois planos de improviso: pegá-la e, ao soltá-la, impor ao coronel a mesma tarefa que lhe fôra imposta antes.

Num movimento de corpo quase imperceptível, Jecé tomou a trazeira da cobra e lançou-se sobre ela num golpe de rara felicidade.

Pegou-a pelo gogó e esta ao sentir-se presa, enrolou-se nervosamente no seu braço, provocando uma sensação inexprimível.

Repentinamente jogou-a aos pés do coronel encostando-lhe o revólver no peito. Seus olhos ficaram dançando nas órbitas esperando

a reação das duas serpentes; uma lhe podia jogar um bote traiçoeiro; e outra podia, num pequeno descuido, arrebatá-lhe a arma da mão. Jece não deu oportunidade ao azar. Sabia, mais do que ninguém, que a cascavel, somente importunada seria capaz de qualquer reação.

— Agora é sua vez, coronel; a escôlha é sua: ou pega a cobra ou pode mandar dinheiro para comprar pano preto para fazer vestidos para suas filhas.

O coronel sentiu uma luta titânica da prudência com o ódio; este arrebatou as rédeas daquela e Bezerra vociferou furioso:

— Não tenho qualquer complacência em mandá-lo para o inferno.

O coronel ficou com o rosto livido, de modo que arrancou aquêles vocábulos num desespero de causa, mas se sentia irremediavelmente batido.

— Cuidado, coronel; meu revólver não costuma expellir carícias e sim projéteis. Estou perfeitamente inteirado de sua falta de complacência, mas, agora, o que quero é que pegue a serpente e deve fazê-lo já.

O coronel não encontrou outra alternativa. Teve de se submeter ao perigoso teste e o fez com certa facilidade e sorte.

Logo depois, fulminaram a serpente e ambos guardaram as armas.

— Você — disse o coronel — tem fervilhado estas plagas e ainda se encontra ileso, mas fique sabendo que, custe o que custar, vou tirá-lo de circulação.

— Não será coisa fácil, como já o demonstrei. Continuarei com as orelhas em pé perscrutando qualquer passo em falso de sua parte e não medirei esforços no sentido de retocar seu nariz...

O sol quedava no horizonte.

— Nada feito, coronel — falou Jece.

— É, nada feito. Voltemos.

Voltaram.

Jece tinha de passar pelo local combinado para o encontro com Floriano. Elaborou um plano, não de fugir à vigilância do coronel, mas de alegar qualquer necessidade fisiológica para cumprir o prometido.

Quando transpuseram a grande várzea que limitava a propriedade do coronel, Jece fêz um rápido movimento, causando um enorme susto no coronel. Este ficou pálido, mas Jece, rindo, explicou :

— Um espinho de jurema... agora... preciso dar uma entradinha no mato. Como já estamos perto, pode acabar de chegar que depois irei.

— Não. Terá de ir comigo. Que vai fazer você no mato ?

— Vou porque preciso.

— Fazer o que ?

— Aqui é proibido...

— Não... não... não...

Jece foi direto ao encontro com Floriano.

— Estava-me perguntando qual seria a causa de tão grande demora.

— Estava fazendo, além da caçada, alguns testes.

— Teve de exercitar o indicador ?

— Não — e ambos continuaram rindo.

Travaram longa conversação. O sol continuava seu caminho ininterrupto com o faz

habitualmente, impedindo que a palestra se prolongasse. Tomaram o rumo da casa de Floriano, enquanto ainda havia claros do dia. Jece continuou empregando o tratamento "você", dando provas irrecusáveis de que a educação de casa vai ao mundo.

— Afinal, não lhe ficou nada, nada, que comprove que a fazenda era sua?

— Não; neste ponto perdi todo o direito. Fiquei com um rascunho muito velho que recebi por ocasião da vinda da escritura definitiva. Um resto de razão.

As palavras de Cleusa eram dotados de musicalidade e meiguice impressionantes. Jece se apaixonara, deveras, pela menina, mas não teve talo para lhe fazer uma declaração porque o momento não era propício. No entanto, pensava internamente: "se lhe declarar meu grande amor, é tiro e queda, que não me negará".

Floriano continuou com a mesma maledicência de antes em torno da fazenda e de sua possível reconquista. Jece pediu que Floriano se mantivesse com a mais absoluta tranquilidade de espírito porque estava ciente de

tudo e conhecia o caminho que os levaria à vitória.

Simultaneamente, Bezerra forjou um plano que, segundo suas concepções, não podia falhar. Reuniu todos os vaqueiros, dando a cada um a mesma missão: qualquer um que tivesse oportunidade, tirar Jece de circulação.

Jece, no entanto, já havia conquistado a simpatia de muitos e isto dificultava acentuadamente, sua execução.

Jece despediu-se de Floriano e Cleusa não resistiu ao impulso de lhe afagar, carinhosamente, o ombro. Fugiram à vigilância implacável de Floriano e Jece aplicou inesperado beijo em Cleusa, a qual se transportou, inconscientemente, ao reinado maravilhoso de "cupido". Trocaram rápidas palavras amáveis e juramentos que os colocaram à beira da eternidade.

Jece não sentia o chão sob os pés. "Reconquistarei esta fazenda para Floriano, custe o que custar; darei melhor guarida aos meus pais igualmente; e igualmente, casarei com Cleusa; meu Deus, só há facilidade para morrer, todo objetivo material é quase inalcançável".

Dir-se-ia que foi a primeira vez que Jecce pensou em Deus e o fez muito oportunamente, pois sua situação não era para menos.

Inesperadamente...

— Olá, amigo!

Jece virou-se rapidamente.

— Vou matá-lo — falou o desconhecido.

— Quanto o coronel lhe deu para cumprir tão difícil tarefa. Pensei que fôsse mais vivo.

— Está me chamando de imbecil?

— Sim... e ainda lhe estou sendo gentil. Com o que ganhou deveria comprar uma carroça.

— Está me chamando de burro?

— Sim... Agora fui um pouco mais brusco. Chamei-o de burro, porém um de quatro

patas não gostaria da comparação. Não mais posso prescindir de uma palavra. Temo que sua cara esteja mais dura do que da vez que nos encontramos anteriormente.

— A cara não lhe asseguro, os punhos sim. De qualquer modo, deixá-lo-ei em paz. Brevemente prestaremos contas.

O rapaz escapuliu-se subreticiamente.

Jece encontrou a casa do coronel completamente tomada de vaqueiros.

Este, ao recebê-lo, foi logo perguntando:

— Pode-me explicar a demora?

— Não é meu hábito dar explicações do que faço.

— Devia fazê-lo, pois pediu para ir ao mato, apenas, para...

— Assunto meu. Eu que devia perguntar por que tanta gente guarnecendo sua casa.

— Embora não seja da sua conta, brevemente saberá. Quem tem punhos rijos não deve dar confianças a ameaças.

Jece achou por bem se manter calado.

Seria inteiramente impossível defender sua integridade física se alimentasse o nervosismo e explodisse uma batalha campal. Alguns poderiam intervir a seu favor, mas um número ínfimo que, absolutamente, não asseguraria seu triunfo, porque a maioria aterradora estava do lado do coronel. Não gostaria de gastar o último cartucho improficuamente, pois sua derrota representaria o cúmulo e sua personalidade e esperanças cairiam por terra. Perderia a oportunidade de conseguir concretizar seu grande sonho (a mão de Cleusa) além de deixar Floriano sofrendo as mesmas torturas porque a reconquista da fazenda seria, neste caso, inteiramente impossível.

O coronel, no entanto, havia convocado os vaqueiros, apenas, para confiar a cada um, a mesma missão; inteirados, saíram em grupos de oito, dez; logo após outros, de quatro, cinco, até que tomaram individualmente seus destinos.

CAPÍTULO VI

Jece foi dormir no estábulo tal como fizera nas noites anteriores. Idéias absurdas lhe cruzaram a massa cinzenta; eram tantas que seu cérebro se achava impotente para concatená-las.

“Não posso enfrentá-lo — pensou — até a munição está no fim”.

Por volta das vinte e duas horas...

— Jece!... Jece!...

— Quem é? — “Santo Deus!... Quem pode ser!...”

— Sou eu, Jece. Sou eu...

— Sou eu quem? — E desferiu-lhe o sôco na cara.

— Ai!!!... Sou Valádares — balbuciou, esfregando o rosto.

— Oh! Devia falar de uma vez. O que aconteceu?

— Cheguei hoje, à tardinha, mas me escondi. Naquela viagem, ainda passei na casa do seu pai e tanto éle quanto dona Celina lhe mandaram muitas lembranças. Estão preocupadíssimos e...

Interrompeu. Jeca olhou-o fixamente após aquela dramática pausa, Valadares continuou.

— ... Danúbio é com Deus!

— Ah! ... Também estava na idade. Papai e mamãe, como vão?!

— Como Deus criou batata, coitados, vão bolando.

Após pequena pausa, prosseguiu Valadares:

— Este coronel é pior que pancada na canela e você já conquistou a simpatia de muitos vaqueiros, inclusive a minha; portanto, se o coronel quiser matá-lo não será tão simples quanto tomar um gole.

— Você é um palerma, Valadares, não me ajudará em nada; servirá apenas, quando muito, para fazer número. Vou lhe confiar

uma missão por demais espinhosa, embora você não seja o homem indicado para isto.

— Pode confiar em mim; minha perspicácia vale muito mais que valentia; depois que eu levar muitos na conversa, você usa o revólver para exterminar os demais, pois é a única linguagem que eles compreendem. Uma preleção com o revólver vale por mais de quarenta tratados de pedagogia.

— Era exatamente isto o que lhe queria falar. Amanhã você vai sair como quem não quer nada e querendo para observar se já tenho muitos do meu lado. Sonda um, sonda outro; conversa vai, conversa vem e depois me conta tudo sem rodeios. Não compreendem seus artifícios e quando menos esperarem teremos farto material humano para qualquer emergência.

— Ah! O tempo passou que não sentimos. Os galos já estão cantando!...

— Erraram a hora. A noite está escura como breu e é natural um engano por parte deles.

— Qual nada; estão amiudando e os passarinhos estão completando a sinfonia...

— É mesmo; a noite passou quase imperceptível; irei, agora mesmo à casa de...

— De...

— Floriano. Tenho muitos planos a traçar com êle.

— Floriano... Pobre Floriano...

— Pois bem; cumpra esta tarefa e amanhã às mesmas horas, venha cá receber novas ordens.

— Até amanhã, então.

— Até amanhã.

O coronel não conseguiu dormir um segundo. Por mais que lutasse o sono não era capaz de comparecer. Por volta das seis horas dormiu profundamente e isto propiciou a Valadares cumprir com certa facilidade sua missão. Jeca passou longas horas em casa de Floriano, elaborando planos e mais planos, embora já o houvesse feito antes. A paixão de Jeca por Cleusa e desta por êste eram tão indisfarçáveis que Floriano, no meio da conversa, interrompeu para fazer votos de felicidades a ambos tão logo superassem tantas dificuldades e vicissitudes.

Jece e Cleusa agradeceram em uníssonas às palavras de Floriano, e este, ao se despedir, disse:

— Eu não queria estar na pele do coronel.

Ao caminhar as primeiras jardas encontrou Valadares numa carreira insana a qual empreendeu um esforço inaudito para falar. Suas costelas subiam e desciam à feição dum fole, e suas palavras saíam entrecortadas.

— Vo...cê... es...tá com... tudo, rapaz!...

— Como assim? — Perguntou Jece, segurando-o pela abertura da camisa — tenha calma, rapaz.

— A excessão de Amaral, os demais lhe têm profunda admiração.

— Não seja otimista, rapaz. Dêsses todos, tirando os mentirosos e os covardes, ficam bem poucos. Contudo, isto é que menos importa. O que importa é que já tenho outra missão para lhe confiar: vá, urgentemente, à Belém e traga estes vinte mil réis todo de balas. Deve ir-se antes que o coronel o note por aqui, pois acarretaria mais aborrecimentos. Ao chegar vá diretamente ao estábulo entre-

gar-me a encomenda. Depois é necessário que teçamos considerações em torno do que teremos de fazer antes do amanhecer.

— Perfeito. Pode deixar comigo. Até logo.

— Até logo e felicidades. Oh! Tome mil réis para comprar rapadura e farinha para não ir e voltar em jejum.

Quando Jece chegou à casa do coronel este ainda estava lavando o rosto, utilizando uma cuia com água.

— Bom dia, coronel, estou às suas ordens.

— Pode sentar num dos paus da latada, depois tenho uma conversa em particular com você.

Enquanto o coronel tomava café, Jece se entretinha acariciando o pescoço dum cãozinho relembrando o velho Danúbio que falecera poucos dias após sua viagem.

— Vá tomar café — ordenou o coronel.

— Já o fiz — respondeu Jece.

— Onde — perguntou intrigado o coronel?

Jece hesitou, por fim respondeu:

— Na casa de Floriano.

O coronel ficou completamente lívido. Estugalhou os olhos e coçou, demoradamente a cabeça. Consultou a cintura e viu que estava sem a pistola. Até o chicote havia deixado num tórno. Incapaz de qualquer reação, falou cìnicamente :

— Há muito tenho vontade de convidá-lo para ser meu capataz; ainda não o havia feito por falta de... digamos de oportunidade, mas Amaral tem que ser substituído; ainda não o havia destituído porque não tinha aparecido um homem do seu calibre.

— Sinto dizer-lhe que não aceito. Quero continuar como simples vaqueiro.

— Não esperava sua negativa; afinal, um capataz ganha muito mais, sem falar na possibilidade de progresso, pois na fazenda um capataz tem um por cento ao ano.

— Bom dia, senhores — cumprimentou Amaral passando a perna sôbre o pau da latada. — Estive olhando o gado e verifiquei que algumas réses comeram tinguis e estão envenenadas.

— Isto não é novidade — respondeu o coronel — pegue logo, enquanto há tempo

uma novilha de cabra. Quero comer uma buxada hoje. Aquela mesma que vai passando — disse o coronel apontando com a bôca.

Amaral colocou o longo cigarro de palha na orelha e foi de encontro a novilha; ao pegá-la, procurou o machado em todos os cantos da casa e não o encontrou.

Jece segurou num dos cornos e com a outra mão fechada desferiu um murro que o animal caiu tremendo as pernas. Amaral gargalhou de escancarar a bôca e o coronel o imitou forçando.

— Agora cuide do animal sem nos importunar; quero conversar com êste menino em particular.

Amaral pendurou a novilha num dos caibros do alpendre e o coronel ficou com Jece na latada.

— Mas, retornando ao assunto primitivo...

— Dei a última palavra, coronel, não aceito sua proposta. Sou muito pequeno e a responsabilidade é muito grande. Além disso, gosto do Amaral e não me sentiria à vontade vendo-o subordinado às minhas ordens.

O coronel ficou desapontado. O único meio que havia era enfrentá-lo, cara a cara. Já havia aplicado os mais inconcebíveis artifícios para matá-lo covardamente, mas não havia outro remédio.

— Está certo. Traga ao curral as rêses atacadas pela tinguí.

— Cumprirei a ordem mas não volte a insistir com esta proposta, tentando me jogar numa arapuca, pois se o fizer terei de tratá-lo pelo seu legítimo nome.

— Qual é meu legítimo nome senão coronel Bezerra?

— Covarde!... Éste é o seu legítimo nome. Se tiver a memória falha, pode escrever: covarde.

O coronel ficou sem sentir o chão sob os pés. Após dominar a cólera por alguns segundos, bradou foribundo:

—E' mais fácil o diabo abraçar uma cruz do que você, amanhã, ver a luz do dia.

— Asseguro-lhe o contrário, coronel. Se me permitir, dormirei, ainda hoje, no estábulo e amanhã partirei para outras plagas, ou...

— Para o inferno — interveio o coronel — aqui é que não pode ficar.

— Como queira. Se achar que ganhei alguma coisa, que preste contas comigo. Não lhe imploro.

— O coronel riu de modo escandaloso.

— Que é isto menino? Está-me estranhando? Você ganhou e ganhará enquanto estiver comigo. O que não sei é se tirará proveito do que ganhar. Acho que não é necessário repetir as ordens que já lhe dei.

— Gostaria que o fizesse.

— Vá separar as rêsas que comeram tinguís e as traga ao curral.

Jece acatou a ordem do coronel; este mais uma vez, resolveu optar pela prudência. Dir-se-ia que Jece era dotado duma força prodigiosa que o fazia superior aos seus interlocutores. Na palavra ninguém o vencia e nas armas, até o ponto que foi exigido parecia imbatível, pois as manejava com tão incrível habilidade que deixava estupefatos tantos quantos o vissem.

Bezerra já devia estar arrependido por não o haver fulminado antes, pois oportunidades não lhe faltaram. Sabia porque as ha-

via desperdiçado e isto lhe acarretava um ódio sem nome. Gastava horas e horas em introspecções e prometia, a si mesmo, que não voltaria a pensar mais no assunto, achando que lhe surgiriam muitas oportunidades para execução do seu funesto plano: mandar Jece para o outro mundo no mais curto prazo possível.

Jece seguiu, tranquilamente, em direção ao velho estábulo. Ao lá chegar, espantou algumas ovelhas que haviam ocupado seu aposento e ficou a esperar por quem, absolutamente, não poderia assumir o compromisso de vir: o sono. Naquela circunstância, Valadares era mais importante que o sono. Este poderia faltar; aquêlé, jamais. Os ratos e as lagartixas batiam no telhado do alpendre da casa grande como que a testarem a eficiência dos seus nervos, pois qualquer movimento o mantinha de pé.

Mas tudo correu dentro do plano previsto. Valadares chegou pouco antes da meia-noite contendo, a muito custo, a euforia por haver conseguido tudo satisfatoriamente. Jece colocou o dedo indicador na boca em posição vertical pedindo silêncio.

— Aqui está sua encomenda — falou Valadares entregando as balas.

— Oh!... Quantas... Vinte mil réis ainda é dinheiro!...

Jece, pela primeira vez, gastou seguramente uma hora concentrado em si mesmo. Os morcegos e as corujas batiam, insistentemente, nas árvores vizinhas ao estábulo, provocando um sentimento téticamente sombrio no seu espírito. Parecia experimentar o fogo endêmico das profundezas do inferno.

— Amanhã terei de falar com o coronel na única linguagem que êle entende, como diz você. Quanto à tarefa que haverei de lhe confiar é...

— Cuidado, rapaz...

— Vá imediatamente à Guarabira dizer a papai que venha urgentemente à fazenda do coronel Bezerra.

— Não lhe obedecerei. Seria loucura deixá-lo sozinho numa situação desta...

— ... E burrice desobedecer-me...

Valadares esfregou a barba, coçou demoradamente a cabeça, e, por fim, já convencido, falou:

— Está certo, cumprirei suas determinações.

— Pegue um cavalo qualquer no campo e faça o que já lhe mandei.

A ordem de Jece não suscitava dúvida; seria tolice Valadares forjar argumentos, pois as palavras secas do rapaz anulavam qualquer possibilidade para tal.

— Até outro dia então.

— Felicidade... Que Deus o acompanhe...

A manhã aproximava-se lentamente, trazendo para Jece a certeza da luta e a incerteza da vitória.

Os pássaros das mais variadas espécies, começaram a romântica sinfonia do amanhecer, diante da qual um concêrto da mais moderna orquestra não passaria de ruídos estridentes e pancadarias irritantes.

Incomodar-nos-emos, apenas, com o que é da nossa conta. Deixemos Valadares viajar tranquilo, Jece aguardar o decorrer do dia com frieza d'alma e os pássaros alegrarem a natureza, levados pela força natural do instinto.

CAPÍTULO VII

— Estou com péssimos pressentimentos — dizia Celina — algo me diz ao ouvido que meu filho está em dificuldades.

O sol estava inclemente e Renato aproveitou para queimar as coivaras e aguardar as possíveis desilusões que eram mais prováveis do que as esperanças.

— Este ano, mais do que nos anteriores, estou completamente sem ânimo para cuidar dos roçados.

— Depois que Jece saiu de casa não tive mais tranqüillidade um minuto.

— Você sempre vive a me imitar; também não consigo esquecê-lo um instante. Mas, segundo minhas intuições, estou esperando para breve uma transformação profunda em nossas vidas.

— Você gosta muito de dar confiança ao impossível e estou certa de que está com intuições loucas.

— Aposto como a primeira coisa que Valadares lhe disse foi que Danúbio morreu.

Quando collocaram a esteira no chão para servir o almôço ouviram o tropéu dum cavalo. Era Valadares que se aproximava. Este, ao chegar, foi dando logo o recado que Jece mandara. Renato e Celina custara a acreditar na veracidade do mesmo. Discutiram longamente sem chegar a um acôrdo.

— Não nos despencaremos no mundo como loucos — falou por fim Renato — ou você está mentindo ou Jece está maluco.

— Olhe, Renato; tudo quanto você disser não será mais do que repetir tudo o que já sei. Não voltarei à fazenda de Bezerra sem você à frente, porque tenho certeza de que Jece nos chamará de palermas.

Enquanto Valadares tenta convencer Renato, vamos ao velho estábulo saber da saúde de Jece. Este havia combinado com Floriano e Cleusa para ficarem escondidos num chiqueiro próximo ao estábulo aguardando o momento em que o coronel chegasse.

Por volta das vinte e três horas...

— Levante-se para morrer, menino — disse o coronel com a pistola em punho.

Jece ergueu os braços.

— Vamos?... Onde está sua coragem?! — Falou téticamente, Bezerra. — Por que não me toma a arma?!

Súbitamente apareceu Cleusa. O coronel mudou, rapidamente, a vista e a posição do corpo, do que Jece se aproveitou para chutar violentamente o seu braço. A arma foi cair distante e Jece sacou imediatamente do seu revólver. Foi um momento dramático para o coronel, que via sua valdade e seu orgulho cortados pela raiz.

Cleusa, conquanto estivesse distante, apanhou a pistola do coronel com rara perícia. Suas faces ficaram rubras como que ansiosa pelo desfêcho.

Jece, encostando o revólver no peito do coronel, falou gravemente:

— Mostre-me os documentos desta fazenda e não vacile porque qualquer tentativa de sua parte será, irremediavelmente ineficaz. Você sempre venceu com a razão da fôr-

ça, mas agora o vencerei com a força da razão.

O coronel balbuciou:

Mate-me de uma vez.

— Mostre-me, antes, os documentos.

Jece se mantinha cauteloso. Sabia que o coronel era, por demais esperto, de modo que qualquer descuido lhe poderia ser fatal.

A sombra do alpendre fê-lo mais cauteloso ainda e o coronel, abrindo a porta da sala, retirou duma gaveta os documentos da fazenda que ainda estavam com a assinatura de Floriano. Jogou-os aos pés de Jece e partiu, furiosamente, para agarrá-lo, mas o rapaz fêz soar o primeiro tiro.

O projétil atingiu o ombro esquerdo do coronel e êste ficou contorcendo-se em dores. Valeu-se de Deus sem o menor êxito, novas balas o deixaram completamente fora de combate.

As filhas do coronel se levantaram e se defrontaram com aquêles quadro hediondo, tudo consumado.

Jece, temendo a revolta dos vaqueiros ordenou que Floriano, antes do amanhecer, fôz-

se de porta em porta avisar os moradores para o cumprimento do labor diário e ficou com Cleusa em frente ao alpendre, cada um de arma em punho.

Por volta das seis da manhã, a frente do alpendre estava completamente tomada.

Todos ficaram estupefatos com o ocorrido e desfilaram as mais diferentes impressões. Em dado momento, Jece pediu silêncio. Queria apresentar a todos os motivos que o levaram a matar o coronel Bezerra.

Com o seu indiscutível dom da palavra e extraordinário poder de improviso Jece conseguiu impressionar a todos os presentes e, no fim do discurso, prometeu que a fazenda tomaria um destino glorioso administrada pelo seu legítimo dono. Apresentou Floriano que se mantinha em pé com um esforço tremendo. As palmas foram ensurdecedoras aclamando aquêle que, de fato e de direito, reconquistava o que era seu: a fazenda.

A alegria foi mais contagiante quando Renato, em palestra com Floriano, se inteirou de que eram parentes.

— Se não me engano, conheço-o não sei de quando nem de onde — falou Floriano a Renato.

— Conheceu Ricardo? Ricardo Venâncio?

— Claro: Ricardo Venâncio foi meu pai.

— Oh!; então somos primos!... — e os dois se abraçaram numa alegria incontida.

Cleusa abraçou a Jece chamando-o de primo.

— E somos, embora no calcanhar de Judas — retribuiu êste.

Amaral pediu demissão do cargo e todos aplaudiram sua iniciativa.

Superadas tôdas as vicissitudes Jece chegou perto de Cleusa e disse aos presentes:

— Acho que posso beijar minha noiva.

— Claro! Responderam em côro.

— Quando será o casamento? Perguntou Celina abraçando a futura nora.

— De hoje há um mês, na Matriz de São Severino de Ramos — respondeu esta.

E todos continuaram rindo.

A Divina Mãe

A Kleber Cerqueira

A José Ferreira

**E aos eficientes funcionários
da Editora Revista Rural**

Os cumprimentos do autor

Próximo Lançamento

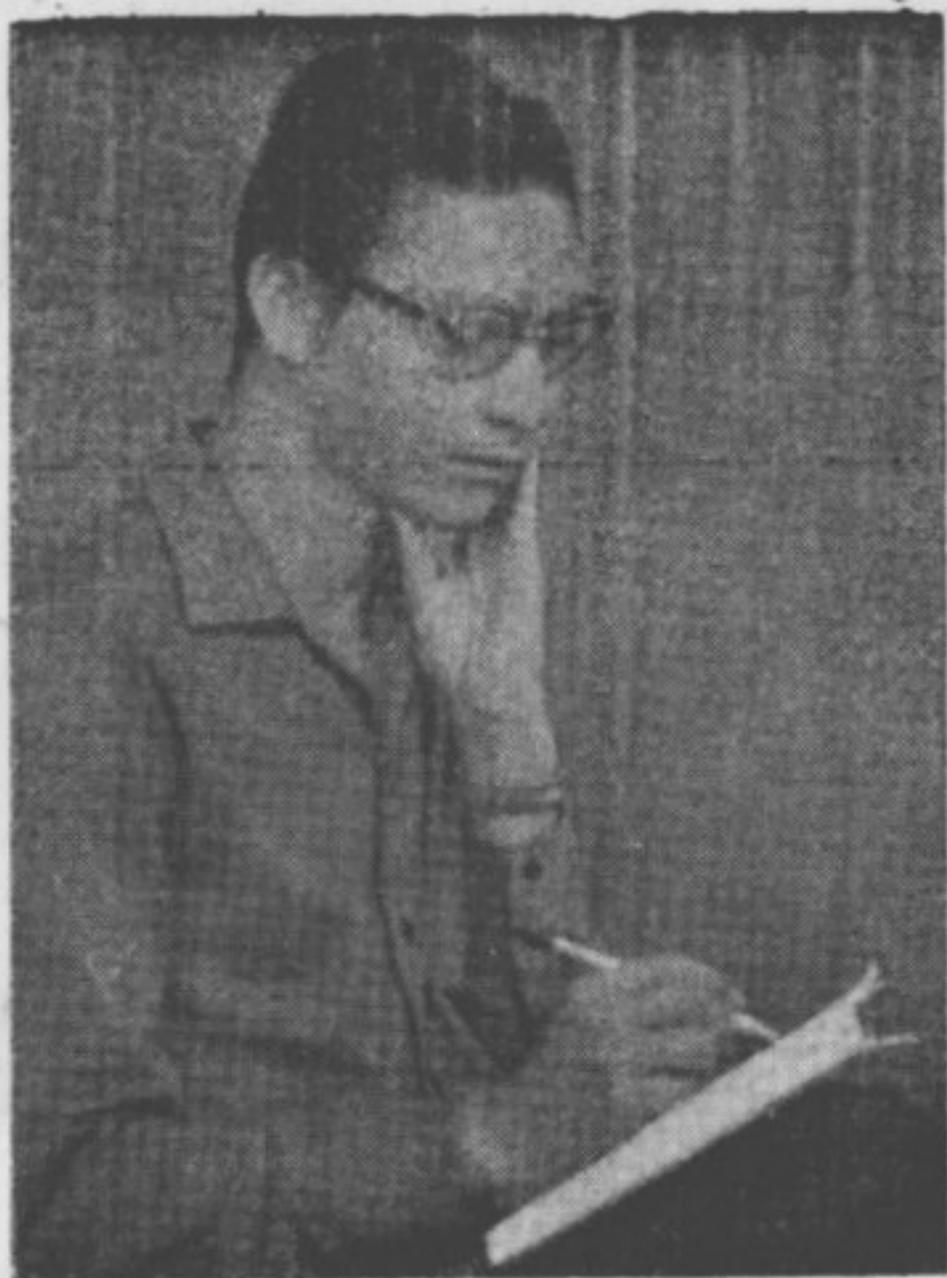
Brevemente em Todas as Bancas

A SORTE VAI E VEM

Aguardem

Composto e impresso na Oficina
da Revista Rural - R. Luiz Paulino,
61 Loja - Niterói - Rio de Janeiro

7622



Gonçalo Ferreira da Silva

SNB